

Universidade de Brasília

Reitor: Ivan Marques de Toledo Camargo
Vice-reitora: Sonia Bão
Decana de extensão: Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa
Decano de pesquisa e pós-graduação: Jaime Martins de Santana

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB

Diretor: José Manoel Morales Sánchez
Vice-diretora: Cláudia Naves David Amorim
Coordenador de pós-graduação: Márcio Augusto Roma Buzar

Editor: José Manoel Morales Sánchez

Editora executiva: Maria Fernanda Derntl

Conselho editorial:

Andrey Rosenthal Schlee
Benny Schvarsberg
Cláudio José Pinheiro Villar Queiroz
Elane Ribeiro Peixoto
Luiz Alberto Gouvêa

Revisão editorial: Frederico Maranhão de Mattos

Projeto gráfico e diagramação:

Luiz Eduardo Sarmento e Marília Alves
| Grupo Arquitetura etc. |

Revisão Ortográfica: Sueli Dunck

Arquitetura, Estética e Cidade

questões da modernidade

Elane Ribeiro Peixoto
Maria Fernanda Derntl
[organizadoras]

A772	Arquitetura, estética e cidade : questões da modernidade / Elane Ribeiro Peixoto, Maria Fernanda Derntl, organizadoras. – Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. 249 p. ISBN 978-85-60762-17-0. 1. Arquitetura moderna. 2. Arquitetura – estética. 3. Cidades. I. Peixoto, Elane Ribeiro (org.). II. Derntl, Maria Fernanda (org.). CDU 72
------	--

Ficha catalográfica elaborada pela BCE-UnB

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Brasília – UnB
Instituto Central de Ciências – ICC Norte – Gleba A
Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte – Caixa Postal 04431
CEP: 70904-970 – Brasília / DF – E-mail: fau-unb@unb.br
Fone: (+55) (61) 3107-6630 / Fax: (+55) (61) 3107-7723

1ª edição

Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
2014

10 Sobre este livro

14 Apresentação

18 ARQUITETURA

21 A quatro mãos: Arquitetura moderna brasileira, 1978-82
Sylvia Ficher e Marlene Milan Acayaba

63 Lelé, para sempre um moderno
Elane Ribeiro Peixoto

85 Cem anos de ecletismos na arquitetura
residencial paulistana
Pedro Paulo Palazzo

97 A arquitetura de museus na história
Maria Cecília Filgueiras Lima Gabriele

112 ESTÉTICA

115 Arte e filosofia: a estética e os sentidos
Flávio R. Kothe

149 Estética das arquiteturas entre fantasia, eficiência e
reflexão: estudos sobre Kant e Oscar Niemeyer
Miguel Gally

167 Sobre a qualificação estética do desenho na arquitetura
Cláudia da Conceição Garcia

182 CIDADE

185 Praças em Paris e Londres no século XVII
Maria Fernanda Derntl

203 Introdução do ideário cidade-jardim no Brasil
Ricardo Trevisan

221 O vazio moderno e a luta por reconhecimento:
(re)configurações da Esplanada dos Ministérios em Brasília
Luciana Saboia

234 Referências

Cem anos de ecletismos na arquitetura residencial paulistana

Pedro Paulo Palazzo

Disciplina: Arquitetura e Urbanismo do Brasil Contemporâneo

O longo século XX compreende, em seus extremos, dois momentos da arquitetura particular, dominados, para o desgosto dos mestres de vanguarda, pelo uso de ornamentos derivados dos estilos do passado. Podem-se traçar vários paralelos entre os dois períodos, apesar do progresso material e de meio século de modernismo entre eles. Para seguir um desses paralelos, toma-se como exemplo a arquitetura residencial de São Paulo, cidade cujas classes altas são pródigas em reconstruir periodicamente a própria morada, sempre atentas às mais novas tendências – guardada a inevitável defasagem entre a sua introdução nas metrópoles culturais e a sua adoção nas periferias. Seguindo esse objeto, pois, busca-se esclarecer as motivações socioculturais desses dois fenômenos distantes no tempo, mas próximos em espírito, bem como explorar o seu resultado na forma visível das residências paulistanas.

Na visão de mundo modernista, os “particularismos escandalosos” denunciados por Rousseau seriam substituídos pelos, por assim dizer, “nobres universalismos”, a ponto de se eliminarem as formas convencionais e reconhecíveis dos elementos de arquitetura.¹ Em contraste, numa visão de mundo eclética, os universalismos, característicos do que Alan Colquhoun² considera a visão atemporal do neoclassicismo, cedem lugar ao relativismo histórico. Nesse contexto, os particularismos, ou seja, as formas culturalmente determinadas, tendem a assumir uma existência própria, vinculada a fatores e interpretações externos, e pouco afeitos a constituírem um sistema estilístico autorreferente, tal como o eram o modernismo canônico ou mesmo o classicismo tradicional. Esse contexto existiu na época do ecletismo acadêmico e persiste no período recente, a que se ventura aqui chamar de ecletismo moderno.

¹ SÁ, Marcos Moraes de. *Ornamento e modernismo: a construção de imagens na arquitetura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 108.

² COLQUHOUN, Alan. *Essays in architectural criticism: modern architecture and historical change*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1981. (Oppositions Books).

Condicionantes da Morada Burguesa

Uma opção estética não se dá no vácuo, mas é influenciada pelos fatores materiais e culturais da época e do lugar onde ela se desenvolve. Mesmo as elites paulistas – às quais podemos nos referir genericamente com o termo historicamente consagrado de “burguesia”, apesar de incluírem assalariados da classe média alta além dos capitalistas – operam e moram dentro de um certo mercado, influenciado pelo estado da técnica tanto quanto pelas aspirações culturais dos seus clientes.

Hoje como outrora, o ecletismo paulistano não é fenômeno autógeno; suas raízes se encontram na emulação do ecletismo europeu. De fato, saindo do circuito experimental da arquitetura de vanguarda dominante nas obras públicas, a recente produção residencial na Europa oscila entre um pós-modernismo superlativo e um *revival* de formas tradicionais, tanto eruditas quanto vernáculas. Ainda que boa parte dessa produção seja realizada sem a participação de arquitetos, encontram-se alguns arquitetos de renome – predominantemente nos extremos opostos da habitação social e da morada burguesa. No Reino Unido, bastião tradicionalista como poucos, Quinlan Terry pertence a uma linhagem que jamais aderiu ao modernismo, e Porphyrios Associates figura entre os especialistas da arquitetura corporativa pós-modernista; projetos ecléticos polêmicos como o Paternoster Square em Londres (Figura 1) têm aparecido com certa frequência. Na França, há Breitman+Breitman e o célebre Léon Krier; na Itália, Gabriele Tagliaventi, e na Espanha, Cenicacelaya y Saloña, além de muitos outros.



Figura 1: Whitfield Associates. Paternoster Square, Londres, 1996-2003. Foto do autor.

Em São Paulo, com algumas exceções onde a arquitetura britânica remete à perspectiva de *townhouses* de luxo – Village Brooklin Townhouses, por exemplo (Figura 2) –, o estilo predominante da construção residencial é uma interpretação livre do classicismo francês, como no pomposo “Réserve du Parc” (Figura 3). Como a arquitetura de hoje, a de cem anos atrás também se mirava no modelo francês. Além do Teatro Municipal, claramente inspirado, como tantos outros de sua geração, na ópera de Charles Garnier, observam-se, numa fotografia de 1910 do vale do Anhangabaú, os altos do vale repletos de mansardas, pórticos arqueados e torreões bem ao gosto do classicismo acadêmico francês, o chamado “neobarroco” (Figura 4).



Perspectiva artística do Edifício implantado no terreno

- Lazer completo • Quadra de tênis • Piscina com raia de 25m
- Fitness • Segurança total



Daí a dizer que o ecletismo paulistano é uma transposição direta do ecletismo francês vai uma grande distância que não deve ser cruzada com excessivo entusiasmo. É verdade que o ecletismo sempre representou, no Brasil, “a conquista e o acesso à cultura internacional”, segundo Günter Weimer,³ mas, “se a teoria foi a mesma, o con-

Figura 2: Village Brooklin Townhouse. Fonte: *O Estado de S. Paulo*, Revista do Imóvel Coelho da Fonseca, 6 mar. 2004.

Figura 3: Réserve du Parc. Fonte: *O Estado de S. Paulo*, Revista do Imóvel Coelho da Fonseca, 6 mar. 2004.

Figura 4: Vista panorâmica do Vale do Anhangabaú, 1910. Fonte: CARVALHO, Mario Cesar. Apogeu e queda das cidades. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: Folha da Manhã, 14 nov. 2004, p. C5.

Condomínio fechado de casas de alto luxo.

Toda a elegância, a sofisticação e a modernidade de um bairro sem igual inspiraram um projeto único.

- Sala de Jantar
- Sala de Estar
- Sala íntima
- Cozinha
- Dispensa
- Dependência completa de serviço

Clima Amável

www.coelhodaFonseca.com.br

³ WEIMER, Günter. A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: FABRIS, Annateresa. (Org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. p. 258.

⁴ FABRIS, Annateresa. O ecletismo à luz do modernismo. In: _____. (Org.) *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. p. 280–296.

⁵ LEMOS, Carlos A. C. Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, A. (Org.) *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987. p. 71.

⁶ FABRIS, Annateresa. O ecletismo à luz do modernismo... p. 289.

⁷ LE CORBUSIER. *Vers une architecture*. Paris: Arthaud, 1977.

⁸ GOMBRICH, Ernst H. *Norma e forma*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 166.

⁹ PATETTA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. (Org.) *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. p. 13.

texto no qual ela germinou e frutificou foi totalmente diverso”. Essa internacionalização, no início do século XX, passava em primeiro lugar pelas mãos das “autênticas” comunidades de estrangeiros, em especial de italianos.⁴ Em seguida, essa arquitetura de origem internacional, já potencialmente diversa da europeia, posto que passada pelo crivo dos europeus aqui radicados, devia atender às demandas práticas e, não menos importante, à imagem que as elites locais tinham do estilo de vida europeu. O que para alguns, como Carlos Lemos,⁵ era “miscelânea geral” perdurando até hoje, para outros, seguindo a tese defendida por Menotti del Picchia, era, há cem anos, um sinal do vigor do hibridismo étnico de São Paulo gerando uma forma de arquitetura peculiar à cidade.⁶

A suposta incompatibilidade entre ornamento e função, expressa nas vertentes de antiornamentalismo moralista, é evidenciada num comentário de Le Corbusier⁷ sobre certos pratos renascentistas, a tal ponto decorados que era impossível servir-se neles. Decorre dessa lógica que o ornamento, além de não ser funcional, prejudica a função e que, portanto, a funcionalidade não admite o ornamento. A visão da maioria das culturas, contudo, tem sido outra, como descreve Gombrich:⁸ “Sabemos, agora, que há muitas maneiras de projetar ou construir que podem ser chamadas de funcionais, e que, por si só, essa exigência nunca resolverá todos os problemas do arquiteto”.

De fato, apesar da pecha de “decorativismo”, o ecletismo burguês sempre colocou a “planta funcional” antes do ornamento, como defende Patetta:⁹

O ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida) [...].

Não são necessários grandes voos intelectuais para compreender que a mesma predisposição cultural se aplica ao consumidor de hoje. Do mesmo modo que os arquitetos ecléticos de outrora não reproduziam – a não ser por extravagância de certos mecenas – plantas de serralhos para aplicar-lhes arabescos e muxarabis, ou de *villas* pompeianas para impor-lhes algumas colunas, os ecléticos de hoje também vivem “com o seu século”. Longe deles dispensar os modernos recursos hidráulicos (vinte suítes por apartamento, com *bidet* e hidromassagem), de telecomunicações (internet banda larga no carregador de celular ligado ao videogame acoplado ao *home theater* com micro-ondas embutido) e, naturalmente, de organização do espaço (como a efficientíssima aplicação do *Lebens-menos-que-minimum*

ao quarto da empregada doméstica). Na verdade, certos incorporadores – e presumivelmente seus clientes – não veem contradição alguma em exaltar a “modernidade” de um empreendimento eclético (ver Figura 2).

Tão indispensável quanto a funcionalidade da planta é a sua adequação aos materiais e às técnicas locais, sob pena da construção ter um custo proibitivo, se construtível for. O ornamento eclético paulistano nasceu, como tantos outros *revivals* e estilos “exóticos”, da junção de um modelo cultural com os sistemas construtivos do seu imitador. Assim foi que a moda dos chalés, que tomou de assalto o Rio de Janeiro e São Paulo nos anos de 1870 e 1880, combinava uma “reinterpretação” das formas do chalé suíço com a construção em alvenaria predominante nas grandes cidades brasileiras de então, recoberta com alguns ornamentos pré-fabricados e importados.¹⁰ De modo similar, as aplicações do ecletismo classicizante, que recentemente teve um estrondoso retorno à paisagem paulistana, são bastante distintas dos modelos europeus que elas pretendem imitar.

Uma imagem como a da mansarda pontuada por clara-boias, graças às suas associações com a paisagem parisiense, tornou-se aqui uma marca de *status* social. Afixada em caríssimos apartamentos de cobertura, suas clara-boias foram substituídas por amplas janelas, às vezes com pé-direito duplo (ver Figura 3). A intenção de evocar Paris é clara. Todavia, nada está mais distante do tradicional telhado em mansarda francês, sótão desconfortável onde viviam criados e outros menos afortunados.

Apesar da universalização do gesso acartonado e de outros materiais industrializados, para não falar do onipresente esqueleto estrutural em aço ou concreto, ainda se percebem diferenças tanto de execução quanto de imagem comercial na transposição dos estilos europeus para São Paulo. Edifícios europeus de alto padrão, como as residências de Robert Adam ou os escritórios comerciais como os de Porphyrios Associates geralmente têm suas molduras esculpidas na pedra do revestimento externo, isso quando não são inteiramente construídos em alvenaria estrutural. Os edifícios de padrão equivalente, em São Paulo, são invariavelmente revestidos e decorados em estuque, com as molduras mais volumosas grosseiramente modeladas no próprio concreto da estrutura.

Transcendendo a simples aparência do ornamento, as diferenças de atitude de lá e de cá do Atlântico se evidenciam até no que diz respeito à estrutura propriamente dita. Como ressalta Pinheiro,¹¹ a substituição dos estilos históricos pelo *art déco* na arquitetura residencial paulis-

¹⁰ DEL BRENNA, Giovanna Rosso. Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX–XX). In: FABRIS, Annateresa. (Org.) *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. p. 29–66.

¹¹ PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 16, n.1, p. 109–149, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142008000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2009

tana da década de 1930 correspondia a um impulso por uma arquitetura razoavelmente ornamentada a custos módicos e empregando o sistema construtivo que é até hoje padrão no ramo: o esqueleto de concreto armado sem grandes arroubos estruturais. Se, com semelhante propósito, no Brasil dos dias atuais *drywalls*, “placas cimentícias” e afins são cada vez mais frequentes na arquitetura residencial, num catálogo imobiliário parisiense o leitor patricio ficaria talvez surpreso ao constatar, ao contrário, uma glorificação da construção tradicional. Anúncios para apartamentos de alto padrão vêm acompanhados, no mais das vezes, pelos dizeres “pedra de talha” (PdT) ou “tijolo” (*Brique*, Br.) sempre que podem se vangloriar da qualidade, durabilidade e nobreza desses sistemas estruturais pré-modernos (Figura 5), que aqui seriam chamados, tanto por incorporadores ecléticos quanto por arquitetos modernistas, de “antiquados” ou “inviáveis”. A aderência à materialidade tradicional que, a princípio, corresponderia ao estilo histórico escolhido não é, assim, percebida no ecletismo moderno - nem, de resto, no de há cem anos - paulistano como um aspecto relevante do caráter da edificação.

Para um liberal conservador como Quatremère de Quincy,¹² o caráter tem a natureza imutável do ser, predominante nas culturas tradicionais:

¹² QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. Caractère. In: DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond; QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. (Org.). *Architecture*. v. 1. Paris: Panckouke, 1788. p. 477. (Encyclopédie Méthodique des Arts, des Sciences et des Lettres.)

Figura 5: Anúncio de apartamentos em Paris.
Fonte: LOGIC-IMMO : Le magazine des professionnels de l'immobilier. Aix-en-Provence: Spir, v. 75, 17 fev. 2004.

EXCLUSIVITE
15E - RUE DES MORILLONS 362X74
3P de 66.14m2
Loi Carrez + balc.
+ cave, ds bel imm. PdT 1930 au 6e étg. av. asc. cpt entr., séj., cuis. éq., 2 ch., SdB, toil. indép., placard, parq., BE, expo sud/est, vue dég. (2.361.445F).
360 000 €

10E - ABBESSES 303X75
Dans un très bel imm. briques et pierre, studio en parfait état, ensol. et calme. Coup de cœur assuré ! Réf. V10834.
132 600 €

BROCHANT 6X73
Dans un très bel imm. PdT, voici un magnif. appt refait à neuf qui vous séduira par son charme et sa distribution. Coup de cœur assuré ! Réf. V10719.
138 000 €

17E - ENTRE M° TERNES ET ETOILE 24X73
3e étg., asc., imm. PdT, bel appt 5P offrant entr., séj., cuis., 3 ch., dress., SdB, SdE, wc, cave. Parq., moull., chem. Réf. V10531.
690 000 €

Os homens repararam que a natureza havia imprimido a cada espécie de seres um sinal distintivo e aparente que os faz serem reconhecidos pelo que são.

Em contraste, a cultura burguesa capitalista dos períodos ecléticos forçosamente rejeita o determinismo hereditário do ser, dando maior relevância ao estar, por meio do aparentar. Quatremère¹³ continua:

“[...] então se desdenha a simplicidade das moradas ordinárias dos cidadãos. [...] não se vive mais em casas, desejam-se templos e monumentos públicos”.

Este temor premonitório encontra eco na constatação por Edgar Graeff¹⁴ do declínio da arquitetura pública no século XX, associado à exuberância da arquitetura particular:

E nesta ordem social os edifícios destinados aos mais altos órgãos do poder público, às mais nobres atividades culturais e ao próprio culto religioso aparecem mesquinhos face à grandiloqüência e ao fausto destinado à habitação dos ricos, a escritórios e lojas comerciais e, muito especialmente, às casas bancárias [...].

O gabarito dos edifícios residenciais que pontuam a paisagem paulistana evidencia essa inversão de valores, impensável mesmo nos tempos do suposto “capitalismo selvagem” em que floresceu o primeiro ecletismo. No século XIX dos ecléticos:

[...] o urbanismo estabeleceu uma hierarquia precisa das estruturas urbanas [...] a emergência volumétrica e das qualidades formais (ou estilísticas) devia ser inversamente proporcional à quantidade: do elemento mais difundido, a casa comum de moradia, ao mais excepcional, a construção monumental.¹⁵

Cabe lembrar aqui que excepcional não significava extravagante, e que no ecletismo de há um século o que distinguia uma edificação monumental da arquitetura trivial era, com a maior frequência, a exemplaridade no uso completo e criterioso de todas as convenções clássicas. À construção privada era consentido, por outro lado, uma maior liberdade com respeito a essas mesmas convenções, como ilustram as, estas sim extravagantes, mansões vitorianas. Comum a ambos os ecletismos, o da era industrial e o atual, é o espírito de emulação que os animava na reprodução imperfeita da metrópole cultural que lhes serve de modelo.

Formas do Ornamento Eclético

Naturalmente, o uso de estilos tradicionais representa, cá

¹³ QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. Caractère... p. 506. Tradução nossa.

¹⁴ GRAEFF, Edgar A. *Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006. p. 85.

¹⁵ PATETTA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo... p. 23–24. Grifo do autor.

como lá, certos anseios sociais atendidos pelo mercado de projetos e construções. Contudo, além de representar circunstâncias sociais e artísticas diversas, essas aplicações dos estilos europeus ainda se diferenciam por seu grau de erudição, abrangência e intenção plástica e urbanística. Se as motivações socioculturais do ecletismo paulistano no início dos séculos XX e XXI são semelhantes em sua emulação do modelo europeu, a aparência do ornamento empregado nos dois casos é substancialmente diversa. Há uma discrepância grande entre a erudição e a competência de arquitetos da geração de Victor Dubugras e Ramos de Azevedo, bem como seus sucessores imediatos, e o atual nível da produção arquitetônica nos estilos históricos. Essa discrepância é ainda mais escandalosa se considerarmos o alto nível de proficiência alcançado pelos atuais tradicionalistas europeus.

Pode-se atribuir o desastroso resultado da produção nacional ao baixo nível geralmente atribuído ao conjunto da prática arquitetônica na pós-modernidade brasileira, em comparação com o reconhecimento internacional que teve o modernismo pátrio. Há ainda o agravante de inexistir, no Brasil, uma ideologia do tradicionalismo como a articulada entre os arquitetos europeus.¹⁶ É preciso lembrar, ainda, que a separação entre as faculdades de arquitetura e as escolas politécnicas, segundo Ficher,¹⁷ se deu em parte por iniciativa dos modernistas, interrompendo, assim, a tradição do ensino acadêmico que na Europa e nos Estados Unidos teve uma sobrevida muito mais longa. Existem também fatores socioculturais incidindo na forma dessa arquitetura, alheios à estrita competência dos profissionais. Tais fatores seriam responsáveis, na verdade, pela baixa demanda por erudição e competência na linguagem eclética da São Paulo atual, e em consequência pelo baixo nível de exigência sobre os arquitetos.

Na concepção arquitetônica do ecletismo, bem como na do classicismo, o ornamento não é concebível como um acréscimo dispensável; antes, ele é a essência da distinção entre arquitetura e a “mera” construção, indigna do arquiteto.¹⁸ Um edifício de “rude nudez”¹⁹ só poderia pertencer aos mais utilitários domínios da técnica, sendo indecoroso deixar qualquer obra de arquitetura despida de um ornamento adequado ao seu caráter. Em virtude dessa preocupação com o caráter, o ornamento eclético, por mais livre e criativo que seja o seu uso, mantém sempre um compromisso com a figuração. Para Colquhoun,²⁰ a compreensão da arquitetura “figurativa” inclui necessariamente significações convencionais e alusões espe-

cíficas, não contempladas pela teoria da “forma pura” do modernismo. A riqueza, ou ostentação, como preferem alguns, necessária a essa figuração fica evidente considerando a mensagem que, de acordo com Gombrich,²¹ ela deve transmitir: “Raras civilizações estiveram dispostas a negar que o mérito interior devesse ser reafirmado por uma demonstração apropriada de espetáculo exterior”.

Deve-se ter em mente que o ecletismo é uma manifestação burguesa por excelência. Ele representa a necessidade de demonstrar riqueza e *status* social, uma vez que estes não são adquiridos por direito de sangue, mas têm de ser reafirmados a cada geração. Assim é que del Brenna²² descreve um projeto filantrópico como o Gabinete Português de Leitura, que confiava na recepção positiva da sua arquitetura não apenas para embelezar a cidade, mas principalmente para polir a própria imagem da comunidade portuguesa, desejosa de ser vista como moderna e amante da cultura.

Em se tratando da expressão de significados por meio do ornamento, Alan Colquhoun²³ adverte contra os riscos de se fazer um paralelo por demais estreito entre semiologia e crítica de arquitetura. Mesmo assim, pode-se entender o programa estético de um edifício como um significante, considerando que ele aponta com razoável consistência para o significado que é o *status* social, cultural e econômico de seus ocupantes. Neste caso, sobressaem certas variações na aparência do ornamento clássico que vêm associadas a diferenças importantes na função social desta aparência.

Uma circunstância da pós-modernidade pode ajudar a explicar a relativa simplicidade do mais “ostentatório” dos ornamentos paulistanos modernos, se comparado ao enfeite nosso de cada dia praticado cem anos atrás. Gombrich²⁴ faz a crucial advertência de que:

“[...] a licença, até mesmo a extravagância, de certas soluções pressupõe o arcabouço coerente de uma linguagem comumente aceita”.

É essa linguagem comum, a tradição clássica, que não está mais onipresente na formação e na visão de mundo dos arquitetos e de seus clientes, como estava até início do século XX. A visão, literalmente falando, tampouco poderia estar presente numa cidade dominada pelo modernismo da verticalização perpetrada em meados do mesmo século. Nessa cidade, qualquer aceno na direção de uma forma tradicional já basta para indicar, sem sombra de dúvida, a intenção de proclamar: “Neoclássico!” Em contrapartida, é evidente que há, no contexto das cida-

²¹ GOMBRICH, Ernst H. *The Sense of Order: a study in the psychology of decorative art*. Londres: Phaidon, 1979. p. 17.

²² DEL BRENNA, Giovanna Rosso. *Ecletismo no Rio de Janeiro...*

²³ COLQUHOUN, Alan. *Essays in architectural criticism...*

²⁴ GOMBRICH, Ernst H. *The Sense of Order...* p. 179.

¹⁶ Organizados em entidades como o International Network for Traditional Building, Architecture and Urbanism, ou A Vision of Europe.

¹⁷ FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005.

¹⁸ EGBERT, Donald Drew. *The Beaux-Arts Tradition in French Architecture*. Princeton: Princeton University, 1980. p. 42.

¹⁹ PATETTA, Luciano. *Considerações sobre o Ecletismo...* p. 15.

²⁰ COLQUHOUN, Alan. *Essays in architectural criticism...* p. 197.

des europeias do século XXI, em grande parte preservadas apesar das desastrosas campanhas de reconstrução do pós-guerra, tal como havia na aspiração que a São Paulo de 1900 tinha de se igualar às cidades europeias de então, um modelo de comparação e padrão de qualidade muito mais exigentes para o que se espera dos arquitetos.

Entre os modernos ecléticos locais e seus clientes, a facilidade de execução e a visibilidade importam mais do que a harmonia e a correção do partido decorativo. Colunas, cornijas e frisos parecem ter como único parâmetro de projeto a distância de observação e a conveniência dos gesseiros. Pesadas molduras no alto dos edifícios, executadas com moldes retilíneos sempre que possível, contrastam com a decoração relativamente sóbria e refinada no térreo, mais próximo do observador. Todas essas são, afinal de contas, decisões projetuais bastante sensatas do ponto de vista da relação custo-benefício do ornamento como elemento de *marketing* do imóvel.

Não se pretende, com essa descrição, insinuar que o ecletismo de um século atrás não tinha a visibilidade em mente. Na verdade, as qualidades ópticas já eram uma preocupação da tradição clássica bem antes de Le Corbusier proclamar a importância do efeito da luz sobre os sólidos (aliás, parafraseando Boullée).²⁵ Além disso, já foi dito que a ostentação de riqueza e a demarcação de classe social eram os motores do ecletismo na arquitetura residencial.

²⁵ BROLIN, Brent C. *Architectural ornament: banishment and return*. New York: Norton, 2000.



Figura 6: Wladimir Alves de Souza. Solar dos Prado, atual Museu da Casa Brasileira. São Paulo, 1945. Foto do autor.

Mas, para um eclético formado na tradição clássica como Wladimir Alves de Souza, outros fatores tinham precedência sobre a regra da “visibilidade máxima”. Ao contrário da atual prática de se reservar os acabamentos mais nobres para as áreas públicas e uma economia de materiais nos interiores, os “bons costumes”, ainda em 1940, lhe comandavam pôr, numa obra como o Solar dos Prado, atual

Museu da Casa Brasileira, o relevo mais modesto e discreto das pilastras na fachada frontal (Figura 6), reservando a riqueza das sombras e a profundidade escultórica das colunas embutidas para a fachada do jardim.

Conclusão

A arquitetura eclética paulistana pertence aos ciclos de *revival* dos estilos históricos, inspirados nos ciclos exemplares que ocorrem na Europa. A identidade desta arquitetura se dá justamente em referência aos modelos europeus, e em particular franceses, como padrões de estética tanto quanto como paradigmas de qualidade de vida no primeiro mundo.

Os exemplos brasileiros diferem, contudo, de seus modelos do Norte, sendo adaptados às técnicas construtivas e às circunstâncias sociais predominantes no país. Enquanto a arquitetura tradicional europeia valoriza a qualidade da alvenaria estrutural e exige um esforço de inserção no meio urbano, a brasileira parece pautada ainda pelo fetiche do *objet-type* característico do modernismo,²⁶ considerando tão somente a aparência do edifício como uma espécie de *commodity* imóvel, sem consideração pela hierarquia das funções urbanas. Ultramar, o discurso sobre o resgate dos valores estéticos e políticos da cidade pré-moderna acompanha um emprego erudito da linguagem formal. No Brasil trata-se de um uso mais esquemático – para não dizer livre e abstrato – do ornamento, que remete ao padrão de vida pelo qual a metrópole cultural é admirada, mas escamoteando as questões de civilidade e urbanidade presentes no discurso europeu.

Se o ecletismo paulistano na virada do século XX era literato, municiado com a erudição dos arquitetos e com as contribuições das comunidades imigrantes, o de hoje se limita a indicar, com gestos sumários e livres, a reintrodução dos estilos históricos na paisagem e no leque das opções do comprador. E as mesmas críticas se fazem ouvir, hoje como ontem, a respeito do caráter internacional dos estilos históricos adotados. Preza-se, nostalgicamente, o retorno a um “autêntico” estilo nacional, senão o neocolonial do discurso dos anos 1920, então a um modernismo ufanisticamente “barroco” e típico da produção brasileira nos aclamados anos de 1940 a 1960. Já desponta, claramente nas revistas de arquitetura e mais discretamente no mercado, o novo ciclo de revival que traz de volta o modernismo brasileiro na forma de um amálgama anacrônico entre as escolas carioca e paulista. E depois?

²⁶ COLQUHOUN, Alan. *Essays in architectural criticism*.... p. 168.

referências

da Gama Filgueiras Lima. Entrevista concedida a Elane Ribeiro Peixoto. Brasília, 28 mar. 1995 para Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1996.

MÓDULO: Revista de Arquitetura e Artes. Rio de Janeiro: [s.n.], 1955-1964; 1975-1989.

Niemeyer, O. *Niemeyer*. Paris: [s.n.], 1977.

PROJETO. São Paulo: Projeto 1979-1993.

PEIXOTO, Elane Ribeiro. *Lelé: o arquiteto João da Gama Filgueiras Lima*. 1996. 227 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PEIXOTO, Elane Ribeiro. *Arquitetura na Revista Projeto: identidade, memória e não-lugares*. 2003. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ROSSI, Aldo. *L'architettura della città*. Padua, Italy: Marsilio, 1966.

TOLEDO, Aldary Henriques de. *Depoimentos sobre a obra de João da Gama Filgueiras Lima*. Entrevista concedida a Elane Ribeiro Peixoto. Rio de Janeiro, abr. 1994 para Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1996.

Cem Anos de Ecletismos na Arquitetura Residencial Paulistana

Pedro Paulo Palazzo

BROLIN, Brent C. *Architectural ornament: banishment and return*. New York: Norton, 2000.

CARVALHO, Mario Cesar. Apogeu e queda das cidades. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: Folha da Manhã, 14 nov. 2004. p. C5.

COLQUHOUN, Alan. *Essays in architectural criticism: modern architecture and historical change*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1981. (Oppositions Books).

DEL BRENNA, Giovanna Rosso. Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX–XX). In: FABRIS, Annateresa. (Org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. p. 29-66.

EGBERT, Donald Drew. *The Beaux-Arts tradition in french architecture*. Princeton: Princeton University, 1980.

FABRIS, Annateresa. O ecletismo à luz do modernismo. In: _____. (Org.) *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. p. 280–296.

FICHER, Silvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005.

GOMBRICH, Ernst H. *The sense of order: a study in the psychology of decorative art*. Londres: Phaidon, 1979.

GOMBRICH, Ernst H. *Norma e forma*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GRAEFF, Edgar A. *Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

LE CORBUSIER. *Vers une architecture*. Paris: Arthaud, 1977.

LEMONS, Carlos A. C. Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, A. (Org.) *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987. p. 69–103.

LOGIC-IMMO : Le magazine des professionnels de l'immobilier. Aix-en-Provence: Spir, v. 75, 17 fev. 2004.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. (Org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. p. 9–27.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 16, n.1, p. 109–149, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142008000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2009.

QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. Caractère. In: DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond; QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. (Org.). *Architecture*. v. 1. Paris: Panckouke, 1788. p. 477–518. (Encyclopédie Méthodique des Arts, des Sciences et des Lettres).

SÁ, Marcos Moraes de. *Ornamento e modernismo: a construção de imagens na arquitetura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

WEIMER, Günter. A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: FABRIS, Annateresa. (Org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. p. 257–259.

A arquitetura de museus na história

Maria Cecília Filgueiras Lima Gabriele

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória*. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (Org.). *As várias faces do Patrimônio*. Santa Maria: LEPA/UFSM, 2006.